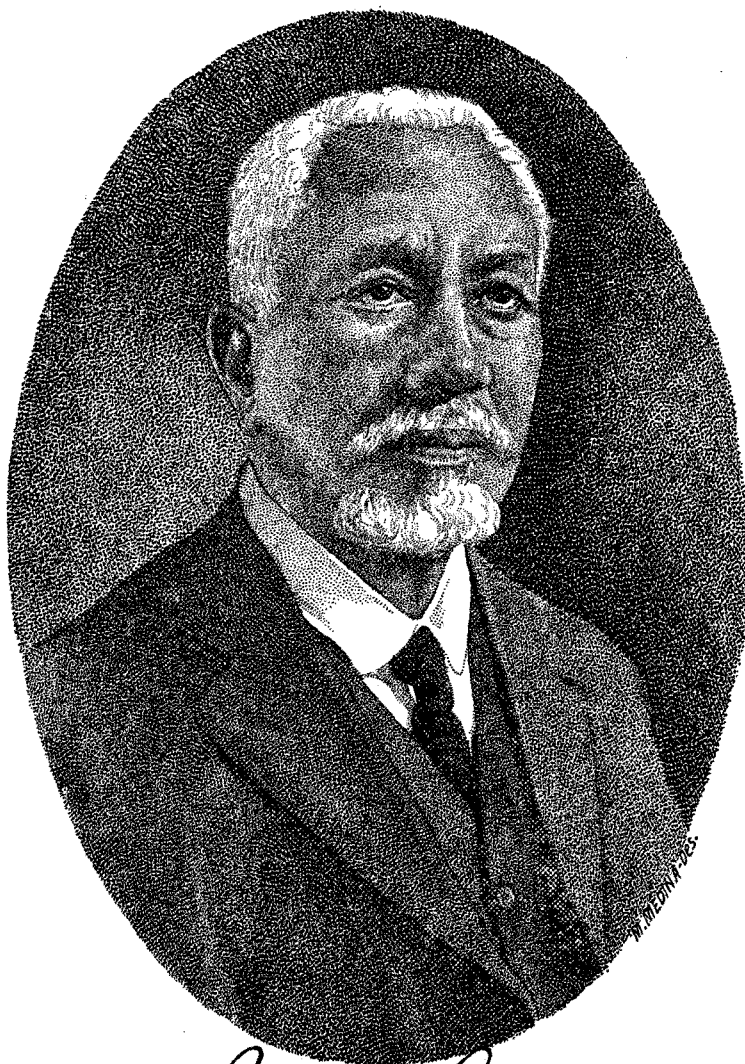


VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



Theodoro Sampaio

TEODORO SAMPAIO

1855-1937

GEOGRAFO, historiador e até linguista, conforme a opinião de RAMIZ GALVÃO que lhe fez o elogio no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, TEODORO FERNANDES SAMPAIO — nascido em Bom Jardim (Santo Amaro, Estado da Baía) a sete de Janeiro de 1855, foi um grande cientista que honrou sobremaneira a cultura nacional.

Erudito, sóbrio, modesto, possuidor de um estilo elegante, preciso, já aos trinta e sete anos de idade, ao ser proposto para sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, impressionava pelos estudos criteriosos realizados.

Não obstante probo e trabalhador, TEODORO SAMPAIO nem sempre foi bafejado pela sorte, ou pela felicidade material. Várias vezes teve mesmo de lutar seriamente contra as dificuldades sobretudo financeiras. Em circunstância alguma, porém, deixou de honrar os seus compromissos e de cumprir os seus deveres. Tendo vivido pobre, pobre morreu. E se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, — por iniciativa do seu ilustre Presidente, Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES — não tivesse adquirido por compra, o carneiro em que repousam os seus restos mortais, na aléia 5 do Cemitério de São João Batista, a cultura nacional ainda estaria a dever à sua memória, mais êsse ato de irretorquível justiça.

Engenheiro Civil, pela Escola Politécnica, foi como um dos ajudantes de WILLIAM MILNOR ROBERTS, que TEODORO SAMPAIO iniciou os primeiros passos na profissão abraçada. Fora então o cientista americano WILLIAM MILNOR ROBERTS incumbido pelo Conselheiro CANSAÇÃO DE SINIMBÚ de chefiar, em 1897, uma comissão de engenheiros para estudar os melhoramentos dos portos do Brasil, bem como, a navegação interior dos rios que desembocam na costa oriental do país.

No desempenho da tarefa que lhe foi confiada no seio da referida comissão científica, TEODORO SAMPAIO encontrou a grande oportunidade, não só para aperfeiçoar os seus conhecimentos técnico-profissionais, como para travar relações com ORVILLE DERBY, que era grande conhecedor do vale amazônico, do litoral do Atlântico e da região meridional do Brasil. DERBY achava-se, então, preocupado em estudar o vale eminentemente característico do São Francisco, o grande rio brasileiro por onde a chamada Comissão Hidráulica ia iniciar, no país, o estudo da navegação interior.

As qualidades de geógrafo, inatas em TEODORO SAMPAIO, levaram-no a sempre acompanhar o ilustre geólogo americano nas suas várias excursões, sem que com isso ficasse prejudicado o trabalho distribuído na Comissão.

A influência de DERBY sobre TEODORO SAMPAIO foi considerável. O próprio geógrafo baiano amplamente a reconheceu e divulgou.

Mas o São Francisco tinha que ficar ainda mais uma vez ligado a TEODORO SAMPAIO, porque ofereceu uma outra oportunidade ao cientista: a de se revelar um escritor geográfico concienzoso, quando deu ao público um trabalho acerca do "grande caminho da civilização brasileira", no qual relatou o resultado de suas observações e de seus estudos relativos à geografia, à geologia e ao povoamento das regiões banhadas pelas águas do importante rio.

Tal trabalho apareceu publicado pela primeira vez, na Revista Santa Cruz, (São Paulo, 1906), sob o título "O RIO SÃO FRANCISCO E A CHAPADA DIAMANTINA".

Mais tarde, foi reimpresso no volume 167 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, graças aos esforços e à diligência do atual secretário — Dr. MAX FLEIUS.

Em 1938, ao inaugurar a Coleção de Estudos Brasileiros — Autores Nacionais, a Editora Cruzeiro, da Baía, lançou à venda, e pela primeira vez, em livro, a citada obra de TEODORO SAMPAIO longamente prefaciada pelo escritor LUIZ VIANA FILHO. Em feliz comentário, o prefaciador teve ocasião de escrever que o autor reunia "as virtudes de geólogo, cartógrafo, geógrafo e historiador. Foi manejando êsses elementos, em que se tornou um verdadeiro mestre na cultura nacional, que pôde traçar uma obra singular na literatura brasileira, apesar de tudo que se chegou a escrever sobre o mesmo tema sedutor: o rio São Francisco. A obra do engenheiro, então iniciado na profissão como auxiliar da Comissão Milnor Roberts, não envergonharia o historiador provento e acatado, que veio a ser mais tarde o seu autor".

TEODORO SAMPAIO percorreu o rio, num momento em que, após ter perdido a sua função de condensador de populações, passava o São Francisco a se transformar num drenador de populações, como acentuou LUIZ VIANA FILHO. Numa fase em que a terra cada vez mais triste, ia se despovoando...

A bagagem científica de TEODORO SAMPAIO além do "RIO SÃO FRANCISCO E A CHAPADA DIAMANTINA", se caracteriza principalmente pelos trabalhos que em outro local desta REVISTA, vão minuciosamente indicados.

TEODORO SAMPAIO — além de ter escrito para a INTRODUÇÃO GERAL, 1.º volume, do DICIONÁRIO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO BRASIL — 1922 — os capítulos segundo, terceiro e sétimo (Orografia do Brasil, Hidrografia, Saltos, Cachoeiras, Lagoas e Lagos, Minerais e Constituição Geológica) — publicou também, para fins didáticos, um "Atlas dos Estados Unidos do Brasil", Reis & Cia. — Baía — 1908.

No Atlas do Brasil acompanhado de notas elucidativas a respeito das principais feições topográficas de cada Estado, traçou outrossim a propósito do território, um perfil ou corte característico, absoluta novidade em nossos atlas didáticos até a publicação do Atlas do Padre GERALDO PAUWELLS, aparecido mais de duas dezenas de anos depois. Avalia-se, destarte, dos seus invulgares recursos como desenhista, de que nos deu exuberante prova no livro sobre o São Francisco, ricamente ilustrado com croquis paisagísticos de sua autoria, pondo, pois, em ação um dos admiráveis meios de que se socorre o geógrafo moderno na representação do modelado característico da paisagem.

TEODORO SAMPAIO — segundo a informação do Dr. LICÍNIO DE ALMEIDA — sempre foi dotado de sentimentos humanitários elevados, tendo dedicado grande parte do seu trabalho, na libertação de pessoas de sua família ainda colhidas pela situação especial em que se encontravam na escala social, dada a sua condição de homem de côr. Tal caráter de bondade ainda lhe era bem vivo nos últimos anos de sua vida em Paquetá, onde rodeado de crianças, se comprazia em conversar animadamente sobre assuntos vários e de particular interesse para o espírito da infância.

Foi sepultado no Rio de Janeiro, em 16 de Outubro de 1937.